

A PRÁTICA DO CANTO CORAL COMO VALORIZAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL MINISTRO ALLYSSON PAULINELLI

Naelli Alcina Pinheiro de Oliveira

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)
naelli.oliveira06@aluno.ifce.edu.br

Thaise Cristina Marcelino Matias

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)
thaise.matias@ifce.edu.br

RESUMO: O ato de cantar em coletivo é uma atividade realizada desde os nossos povos originários até os dias atuais. O canto coral, como nomeamos essa possibilidade de fazer um canto coletivo, agrega pessoas nas mais diferentes faixas-etárias, oportunizando uma aprendizagem musical acolhedora e de forma inclusiva. Assim, abordar essa prática como um meio de valorização das relações étnico-raciais traz à tona o compromisso dos professores de Arte/ Música, em formação, de pesquisar meios para que essa prática seja praticada com coerência e responsabilidade para os estudantes da educação básica. Dessa forma, tivemos como objetivo realizar a prática de canto coral com alunos do ensino fundamental das séries/anos finais, com abordagem pautada em canções afro-brasileiras e indígenas. Os objetivos específicos foram: realizar pesquisa bibliográfica a respeito da temática étnico-racial e do repertório musical que contivesse conteúdos afro-brasileiro e indígena; formalizar a parceria com uma escola de Educação Básica; proporcionar aos alunos da instituição concedente a conscientização para uma educação étnico-racial concomitante com a prática de Canto Coral através de canções com a temática afro-brasileira e indígena. A pesquisa utilizou a metodologia da pesquisa-ação com a finalidade de realizar a prática de canto coral, enfocando abordagens afro-brasileiras e indígenas, seguindo as etapas: planejamento, implementação, descrição e avaliação da prática. Esta pesquisa resultou no desenvolvimento da musicalização pelos estudantes através da prática do canto coral, a aceitação do repertório afro-indígena, aprimoramento da consciência corporal e vocal, integração social e a conscientização sobre a importância de uma educação antirracista.

Palavras-chave: Música; Canto coral; Ensino fundamental. Relações étnico-raciais.

THE PRACTICE OF CHORAL SINGING AS APPRECIATION OF ETHNIC-RACIAL RELATIONS AT MINISTRO ALLYSSON PAULINELLI ELEMENTARY SCHOOL

ABSTRACT: Group singing is an activity that has been practiced since our native peoples' time until present days. Choral singing, as we name this possibility of performing a collective song, brings together people of all ages, providing a welcoming and inclusive musical learning experience. Thus, approaching this practice as a means of valuing ethnic-racial relations brings to the surface the commitment of Art/Music teachers in training to research ways to provide this activity with coherence and responsibility for students in elementary education. Therefore, this paper's objective was to practice choral singing with elementary school II students, with an approach based on Afro-Brazilian and indigenous songs. The specific objectives were: i. to conduct bibliographic research on ethnic-racial themes and musical repertoire that contained Afro-Brazilian and indigenous content; ii. to formalize a partnership with a elementary education school; iii. to provide students of the granting institution with awareness of ethnic-racial education alongside the practice of Choral Singing through songs with Afro-Brazilian and indigenous themes. The research used the action-research methodology with the purpose of carrying out the practice of choral singing, focusing on Afro-Brazilian and indigenous approaches, following the steps: planning, implementation, description and evaluation of the practice. This research resulted in the development of musicalization by students through the practice of choral singing, the acceptance of the Afro-indigenous repertoire, improvement of body and vocal awareness, social integration and awareness of the importance of an anti-racist education.

Keywords: Music; Choral singing; Elementary school; Ethnic-racial relations.

1 INTRODUÇÃO

Esta publicação expõe o resultado de uma pesquisa científica em uma escola de educação básica pública da cidade de Limoeiro do Norte-CE, proporcionada por meio do Edital nº 7/2023 PRPI/Reitoria-IFCE, entre o período de agosto de 2023 e junho de 2024 no curso de Licenciatura em Música do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará campus Limoeiro do Norte.

Cantar é uma ação que mobiliza o corpo como um todo. E, cantar em coral segundo a Amato (2007, p. 77), “para além do prazer em fazer parte, trata-se fundamentalmente de uma ‘significativa ferramenta de integração social’”. Ou seja, para além da aprendizagem musical, ela oportuniza o desenvolvimento de outros aspectos como socialização, respeito, disciplina, autoestima, dentre outros.

Dessa forma, acreditamos que, o professor em formação em um curso de Licenciatura em Música, deva passar por experiências práticas que fortaleça sua concepção de um futuro docente consciente de seu processo de desenvolvimento. Para Ramos (apud Amato, 2003, p. 82) “o coro pode auxiliar no processo de aprendizagem de cursos de graduação, nos quais podem ser implantadas as atividades de coros-escola e coros-laboratório”.

Portanto, o intuito de inserir o graduando em Música em espaços escolares promovendo um projeto voltado para o canto coral contribui tanto em sua trajetória formativa como na oportunidade de uma prática inclusiva, pautada na Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008, que estabelece a obrigatoriedade da temática: História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena no currículo escolar.

Assim, a justificativa dessa pesquisa ocorreu pela necessidade de viabilizar espaços de ensino e aprendizagem musical nos quais o aluno graduando em Música pudesse estar inserido em espaços educativos para complementação de sua formação de forma prática. Além de correlacionar a atividade coral com um repertório pautado no conteúdo da cultura Afro-Brasileira e Indígena, fundamentada na Lei nº10.639, de 09 de janeiro de 2003, que completou vinte anos em 2023, e da Lei nº 11.645/2008 que completou quinze anos, firmando o compromisso e a garantia de resgatar essa cultura com o propósito de superar as desigualdades étnico-raciais no Brasil.

Tivemos como objetivo geral realizar a prática de canto coral com alunos do ensino fundamental das/dos séries/anos finais com abordagem pautada em canções afro-brasileiras e indígenas. Os objetivos específicos foram:

- a) Realizar pesquisa bibliográfica a respeito da temática étnico-racial e do repertório musical que tivesse conteúdos afro-brasileiro e indígena.
- b) Formalizar a parceria com a escola de Educação Básica concedente Ministro Allysson Paulinelli, localizada na cidade de Limoeiro do Norte (CE).
- c) Proporcionar aos alunos da instituição concedente a conscientização para uma educação étnico-racial concomitante com a prática de canto coral através de canções com a temática afro-brasileira e indígena.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

O canto coral possibilita uma educação musical que abrange:

[...] práticas vocais que enfatizam: exercícios vocais, afinação, canto individual e coletivo, bem como elementos musicais que podem ser desenvolvidos por meio do canto, como a percepção auditiva, ritmo, dinâmicas, performance e explorações sonoras (Mateiro; Vechi e Egg, 2014, p. 61).

Todos esses aspectos apresentados na citação podem ser trabalhados coletivamente com diversos públicos, principalmente os que estão inseridos em escolas de Educação Básica. Além de ser um espaço de ensino e aprendizagem dos conhecimentos musicais, configura-se como um local de integração e inclusão social, constituído por diferentes relações interpessoais. Conforme Amato (2007, p. 77), “os conhecimentos adquiridos pelos participantes do coral podem influenciar na sua apreciação artística e na motivação pessoal de cada um, independente de sua faixa etária ou de seu capital cultural, escolar ou social”. Assertiva que corrobora a percepção das autoras desse artigo.

Cientes de que da Lei nº 11.645/2008, que torna obrigatório o estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, os professores desses âmbitos educacionais podem inserir esses conteúdos no currículo e em atividades artístico-musicais que possam contribuir para a perpetuação do contexto étnico-racial no ensino das artes.

Com isso, os autores Suzuki, Pinheiro e Mattar (2019) vão dizer que,

A partir dos diálogos cruzados, pode-se conhecer e refletir a respeito dos processos de criação e produções artísticas baseadas em epistemologias afro-brasileiras e indígenas, que estabelecem outras formas de expressão e transmissão de conhecimento, cujas genealogias e percursos criativos são distintos das artes ocidentais e das pedagogias dominantes nos currículos e práticas educativas

desenvolvidas em espaços formais de ensino (Suzuki, et al., 2019, p. 468)

Essa abordagem com a tônica nas epistemologias afro-brasileiras e indígenas ampliam as possibilidades de trazer ferramentas de ensino para uma educação musical que passe a valorizar não apenas, a aprendizagem técnica musical - exigida na performance do coral, mas também sua formação artística cultural múltipla e diversa relacionadas com as questões étnico-raciais.

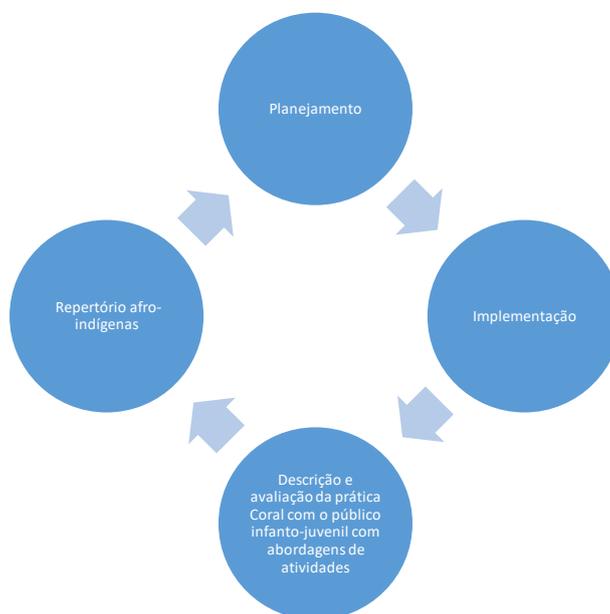
3 METODOLOGIA

A presente pesquisa faz uma abordagem qualitativa apoiada na metodologia da pesquisa-ação, que, segundo os autores como Corrêa, Campos e Almagro (2018), fundamentados em Tripp (2005),

[...] Por ser uma pesquisa participativa, preocupada com a resolução de um problema coletivo, no qual pesquisadores e participantes da situação investigada estão envolvidos de modo a contribuírem com a transformação da realidade, a pesquisa-ação é muitas vezes entendida como uma metodologia restrita a grupos sociais pertencentes às classes sociais populares, vista como forma de engajamento sócio político em prol das classes minoritárias. Porém, pode ser discutida em áreas de atuação técnico organizativa, com objetivos e focos próprios do campo da pesquisa a que se aplica, que tem seus compromissos sociais e ideológicos definidos (Corrêa, et al, 2018, p. 64).

Nesse tipo de investigação-ação tem-se um “ciclo no qual se aprimora a prática pela oscilação sistemática entre agir no campo da prática e investigar a respeito dela” (Tripp, 2005, p. 445). Neste caso específico, o fluxo aconteceu nas seguintes etapas, conforme figura 1: Ciclo da prática e da investigação.

Figura 1 – Ciclo da prática e da investigação



Fonte: elaboração das autoras

As atividades de canto coral seriam aplicadas em duas turmas do ensino fundamental, uma do 6º Ano e outra do 7º Ano com a supervisão de um professor que atua na mesma escola. Dessa forma, os encontros aconteceram duas vezes por semana no contraturno, com duração de uma hora e trinta minutos cada aula, considerando que esses alunos, muito provavelmente, não tiveram em suas experiências o contato com aulas de musicalização ou iniciação no Canto Coral.

Como teríamos o envolvimento de participantes menores de idade e a pesquisa era vinculada ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/IFCE) sendo aprovada.¹

Planejamos iniciar com duas aulas experimentais em cada turma, introduzindo o repertório a ser aplicado no decorrer da pesquisa, conhecendo aos poucos os alunos, desenvolvendo atividades com enfoque vocal e corporal, com diálogos a respeito das impressões das músicas e exemplificando formas do fazer musical por culturas afro-brasileiras e indígenas.

Após os encontros experimentais, partimos para as aulas práticas de canto coral, adotando o seguinte roteiro, apresentado no quadro 1, como sugere Rheinboldt (2018).

¹ Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE): 76924623.9.0000.5589.

Quadro 1: Roteiro de ensaio para pré-coral, coro infantil iniciante e intermediário

ATIVIDADE	PRÉ-CORAL	INICIANTE	INTERMEDIÁRIO
Preparo Vocal: <ul style="list-style-type: none"> • Alongamentos • Postura • Respiração • Vocalises 	15 minutos	20 minutos	30 minutos
Repertório: <ul style="list-style-type: none"> • Música nova ou trechos com dificuldades • Música recém-aprendida • Músicas conhecidas 	35 minutos	45 minutos	65 minutos
Musicalização: <ul style="list-style-type: none"> • Atividades musicalização de • Brincadeiras musicais 	20 minutos	20 minutos	20 minutos
Avisos finais	05 minutos	05 minutos	05 minutos
Duração do ensaio	75 minutos (1h15)	90 minutos (1h30)	120 minutos (2h)

Fonte: Rheinboldt (2018).

Dessa forma, em nosso contexto de pesquisa, optamos pela sugestão de atividades para o coro iniciante fazendo algumas adaptações de acordo com a realidade das turmas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Realizamos algumas reuniões com a gestão escolar a fim de decidir os dias, horários e as turmas, para assim, dar início às práticas. Tivemos de ajustar a duração das aulas e o espaço a ser desenvolvido a pesquisa devido a estrutura da escola. Assim, definimos os encontros nas quartas-feiras em uma turma do 6º Ano e nas quintas-feiras em uma turma do 7º Ano, utilizando o momento da disciplina de Religião que faz parte do currículo escolar em ambas as turmas. Ou seja, o tempo de aula foi reduzido para quarenta e cinco minutos, como pode ser verificado no Quadro 2.

Quadro 2: Roteiro de ensaio adaptado

ATIVIDADES	DURAÇÃO
Preparo Vocal: <ul style="list-style-type: none"> • Alongamentos • Postura • Respiração • Vocalises 	10 minutos

Repertório: <ul style="list-style-type: none">• Música nova ou trechos com dificuldades• Música recém-aprendida	20 minutos
Musicalização: <ul style="list-style-type: none">• Atividades de musicalização• Brincadeiras musicais	10 minutos
Avisos finais	05 minutos

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Dessa forma, demos início, no dia 3 de abril de 2024, às aulas introdutórias, a fim de deixar as crianças cientes do que se tratava a pesquisa e despertar o interesse nelas em participar. Nessas aulas introdutórias, conversamos sobre como utilizamos a música em nosso cotidiano e os inúmeros significados e sentimentos que ela pode carregar, abrindo espaço para interligar as funções que a música tem para além da nossa diversão pessoal, mostrando áudios de Torés do povo Pankararu e do Funi-ô Tapuia, que segundo Magda Pucci e Berenice de Almeida, a partir do livro Cantos da Florestas “O Toré é uma expressão espiritual-religiosa de grande importância no Nordeste indígena”². Está associado ao desejo de demarcar seus territórios e retomar suas tradições antigas. Assim, trabalhando a apreciação musical a partir do exemplo dos Torés, as crianças trouxeram diferentes interpretações e sensações sentidas a primeira escuta, como: felicidade, paz, coragem e estranheza ao se ouvir a língua nativa dos povos.

Nessas aulas, iniciamos também, com atividades que buscassem aprimorar a consciência corporal ao cantar, vocalises a fim de trabalhar a afinação das crianças, com exercícios de respiração e atividades de musicalização; e outros aspectos como sugerido por Rheinboldt (2018) em sua tese de doutorado.

Em uma dessas aulas, também foi apresentada uma música de origem afro-brasileira interpretada pelo grupo Os Tingoás³ chamada “Lamento às Águas”⁴ e outra de origem indígena

² Disponível em: <<https://www.cantosdafloresta.com.br/propostas-didaticas/o-tore-dos-indigenas-do-nordeste/>> Acesso em: 24 jul 2024.

³ Trio vocal e instrumental formado, em diferentes momentos, por Erivaldo Souza Brito, Heraldo (Heraldo Costa Bouzas, 19??-1975), Dadinho (Grinaldo Salustiano dos Santos, 19??-2000), Mateus Aleluia (1943), Morais e Badu (Getúlio Souza). Suas canções se caracterizam por fundir temas e elementos rítmicos do candomblé às harmonias vocais da música sacra católica. Disponível em: <<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/grupo636319/os-tingoas>> Acesso em: 27 jul. 2024.

⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CqUxFpE1cpo>>. Acesso em 27 jul 2024.

composta e interpretada por Wanderley Moreira chamada “Tangará Mirim”⁵ na língua Guarani, canções essas que viriam a ser trabalhadas ao decorrer dos encontros.

Na turma do 7º Ano, apesar da maioria dos alunos terem correspondido de forma muito positiva, houve momentos em que surgiram comentários desrespeitosos. Em uma ocasião, um aluno manifestou estranheza ao ouvir a canção de origem afro-brasileira, sugerindo que a música se tratava de macumba. Seu colega prontamente interveio, explicando que isso poderia ser interpretado como intolerância religiosa, algo que ele não concordava. Dessa forma, pode-se reforçar a importância e o impacto da Lei nº 10.639/2003 que torna obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira, como diz Gomes (2008):

Maior conhecimento das nossas raízes africanas e da participação do povo negro na construção da sociedade brasileira haverá de nos ajudar na superação de mitos que discursam sobre a suposta indolência do africano escravizado e a visão desse como selvagem e incivilizado (Gomes, 2008, p.72).

Considerando o fato de que o diálogo envolvia dois alunos negros, podemos ressaltar a relevância de temas envolvendo a história e cultura afro-brasileira e indígena tratados em sala de aula, a fim de entender que dialogar a respeito desses assuntos contribui para o processo de formação dos sujeitos sociais, causando impacto não só em um grupo de etnia negra, mas também em outros grupos (Gomes, 2008).

Após o período das aulas introdutórias, partimos para a entrega da documentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)⁶ aos pais e às crianças para que pudéssemos aplicar as atividades com os alunos interessados. Obtivemos um bom número de participantes no início das práticas, mas, devido a questões ideológicas dos responsáveis, a sala ficou dividida em dois grupos, os que queriam participar e os que não queriam; houve muitos desistentes, restando ao todo 19 crianças. As aulas não aconteciam da forma como planejada, considerando que, os alunos não interessados ficavam livres na sala de aula nos momentos de prática, e, conseqüentemente, abrindo espaço para conversas paralelas causando distrações aos alunos participantes. Diante dessa situação, não houve proveito das aulas, tendo em vista que o tempo de atenção dos alunos era curto. Buscamos tentar achar outro meio com a gestão escolar de realocar o coral para uma sala separada dos outros alunos, mas encontramos uma certa persistência em manter todos na mesma sala, o que dificultou mais ainda a convivência.

Continuamos tentando nos adaptar ao formato da sala com os alunos divididos, mesmo com o

⁵ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=tUsMRjZbDho> > Acesso em 27 jul 2024.

⁶ Por meio do TCLE, os pais das crianças poderiam ter acesso às informações do projeto de pesquisa e permitir ou não que a criança participasse das atividades propostas no Canto Coral, já que se tratava de um público menor de idade. Os discentes, por sua vez, precisaram assinar o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) aceitando (ou não) participar por meio desse documento.

rendimento da aula sendo baixo. Além disso, foi possível notar um desestímulo nos participantes, visto que, não conseguíamos ensaiar por conta do barulho advindo dos alunos que não estavam inseridos no coral. Dessa forma, devido a essa persistência em manter todos no mesmo ambiente, perdemos muitas aulas que poderiam ter sido mais proveitosas. Entretanto, após muita insistência em mudar o coral para outro espaço, no dia 23 de maio de 2024 fomos realocados para a sala de multimídia da escola. Esse espaço é dedicado para uso dos computadores, para armazenamento de livros e de instrumentos musicais como violões e teclados, possuindo também um banheiro, conforme pode ser visualizado na figura 2.

Figura 2: Sala de multimídia



Fonte: acervo das autoras.

Neste espaço, tivemos somente 3 encontros com cada turma antes da finalização do projeto, pois, neste período, tiveram contratemplos envolvendo eventos na escola que impossibilitaram os encontros. Com isso, planejamos realizar uma apresentação do repertório no dia 26 de junho de 2024 para encerrar o projeto. Nesse sentido, focamos os últimos ensaios para essa apresentação e coleta das informações quanto as experiências e opiniões dos alunos sobre as aulas.

Entregamos uma ficha contendo dez questões (nove objetivas e uma discursiva) para cada criança com a finalidade delas avaliarem os encontros que foram realizados. Essas perguntas tratavam quanto a preferência do idioma ao cantar, se o projeto foi importante, o porquê elas participaram e se houve algo durante o projeto que elas não gostaram. As respostas foram muito semelhantes nas duas turmas, a maioria relatou que gostaram da experiência, que tinham preferência em cantar em outras línguas, que o projeto foi muito importante por nunca terem feito algo parecido antes e expuseram suas opiniões a respeito das aulas, relatando suas frustrações com relação aos encontros que não foram desenvolvidos como esperado por consequência dos contratemplos na escola. “Teve imprevistos e perdemos algumas aulas” Aluno 1. “Imprevistos que fizeram ter poucas aulas”

Aluno 2. “O pessoal leva tudo na brincadeira” Aluno 3. A figura 3 retrata o momento de avaliação do projeto pelas crianças.

Figura 3: Crianças participantes do coral avaliando o projeto



Fonte: acervo das autoras.

Por fim, realizamos o nosso último ensaio geral no dia 25 de junho de 2024 e apresentamos o repertório no dia 26 de junho de 2024 para os alunos não participantes e para a gestão escolar. Ao todo, realizamos oito encontros na turma do 6º Ano e dez encontros na turma do 7º Ano. Dessa forma, as aulas práticas do coral tiveram início no dia 03 de abril de 2024 e foi finalizado no dia 26 de junho de 2024. A figura 4 mostra a apresentação final do repertório.

Figura 4: Apresentação do repertório.



Fonte: acervo das autoras.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dessa experiência, foi possível compreender que o papel de um regente vai além das práticas, se tornando um ato político. Por se tratar de uma escola pública, lidamos com crianças com diferentes realidades e vivências. Diante disso, se torna essencial tratar de assuntos envolvendo a história e cultura afro-indígena, tendo em vista que, pode haver uma representatividade étnica e cultural em sala de aula, levando a conscientização sobre questões étnico-raciais, não só para um indivíduo, mas também para o meio social em que ele está inserido.

Além disso, ao apresentar o projeto de pesquisa para a gestão, ficou evidente o ânimo em saber que seria possível desenvolver um coral dentro da escola, mas, no processo de execução não foi dado o suporte necessário para que pudéssemos trabalhar com qualidade. Sendo assim, com base em experiências vividas semelhantes a essa, há um certo descuido quando se trata da música inserida nas escolas de Educação Básica, visto que, não se tem a atenção necessária para o processo, pois o objetivo está totalmente focado no resultado, ou seja, em ver as apresentações musicais acontecerem.

Por outro lado, diante dos desafios apresentados nas salas de aula, foi primordial incorporar uma postura docente para manter o controle da classe, proporcionar a experiência e o desenvolvimento da musicalização pela prática do canto coral, trazer um repertório com foco afro-indígena, e assim, reforçar a conscientização e importância de uma sociedade que deve “viver a diversidade em todas as instâncias da vida, entendendo que é só convivendo com a pluralidade que efetivamente cresceremos com ela” (Pinheiro, 2023, p. 125), sendo, portanto, uma experiência que contribuiu para o crescimento profissional enquanto estudante do curso de licenciatura em música.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 11.645 de 10 de março de 2008**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm Acesso em: 21 jul. 2024.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm Acesso em: 21 jul. 2024.

CORRÊA, G. C. G; CAMPOS, I. C. P de; ALMAGRO, R. C.. Pesquisa-ação: uma abordagem prática de pesquisa qualitativa. **Ensaios Pedagógicos**, vol. 2, n. 1, jan/abr., p. 62-72. 2018. Disponível em: < <https://www.ensaiospedagogicos.ufscar.br/index.php/ENP/article/view/60/89> > Acesso em: 21 jul. 2024.

FUCCI AMATO, R.. O canto coral como prática sócio-cultural e educativo-música. **Opus**, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 75-96, jun. 2007. Disponível em: <<https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/295>>. Acesso em: 21 jul. 2024.

GOMES, N. L.. A questão racial na escola: desafios colocados pela implementação da Lei nº 10.639/03. In: MOREIRA, A. F.; CANDAU, V. M. **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Petrópolis/RJ, Vozes, p. 67-89, 2008b.

MATEIRO, T.; VECHI, H.; EGG, M. de S.. A prática do canto na escola básica: o que revelam as publicações da ABEM (1992-2012). **Revista da ABEM Londrina**, v. 22, n. 33, p. 57-76, jul. Dez, 2014. Disponível em: <<http://www.abemeduacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/478#:~:text=Com%20o%20objetivo%20de%20conhecer,e%20Anais%20dos%20Congressos%20Nacionais>>. Acesso em: 21 abr. 2024.

PINHEIRO, B. C. S.. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

PUCCI, M.. **Cantos da floresta: iniciação ao universo musical indígena**. Magda Pucci, Berenice de Almeida; ilustrado por Joana Resek. São Paulo: Peirópolis, 2017.

RHEINBOLDT, M. J.. **Preparo vocal para coros infantis: considerações e propostas pedagógicas**. 2018. Tese (Doutorado) – Curso de Música, Universidade Estadual de Campinas Instituto das Artes, Campinas, 2028. Disponível em: <<https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1060715>> Acesso em: 29 jul. 2024.

SUZUKI, C. L; PINHEIRO, M. de P; MATTAR, S. **A Lei 11.645/08 e o Ensino de Artes: pesquisa, formação docente e práticas educativas**. II Seminário Regional de Ensino e Relações Étnico-Raciais, 2019. Disponível em: <<https://gmepae.com.br/wp-content/uploads/2022/01/Artigo-SUZUKI-Clarissa-A-lei-11.645-08-e-o-ensino-de-artes.pdf> > Acesso em: 22 jul. 2024.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação:** uma introdução metodológica. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n.3, p. 443-466, set/dez. 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/3DkbXnqBQyq5bV4TCL9NSH/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 21 jul. 2024.

SOBRE OS AUTORES

NAELLI ALCINA PINHEIRO DE OLIVEIRA

Licencianda em Música pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), atua na área de educação musical, com foco em musicalização e prática vocal. Desenvolve trabalhos com diferentes faixas etárias, levando experiências musicais que despertam a criatividade, a expressão e, acima de tudo, o respeito às diferenças. Atualmente, atua com musicalização na educação infantil, proporcionando às crianças os primeiros contatos com a música de forma lúdica e significativa.

E-mail: naelli.oliveira06@aluno.ifce.edu.br

Thaise Cristina Marcelino Matias

Mestra em Artes pelo PPGARTES/IFCE - Fortaleza, Especialista em Ensino de Música na Educação Básica - UFRN, Licenciada em Música e Bacharel em Canto pela UFRN. Atualmente é Professora do IFCE campus Limoeiro do Norte na subárea Canto Popular no curso de Licenciatura em Música.

E-mail: thaise.matias@ifce.edu.br

Recebido em: 05 de junho de 2025

Aceito em: 12 de julho de 2025